

SANCHEZ, Renata. **Vulnerabilidade e Violência: mecanismos de expressão da Vocalidade**. Campinas: Unicamp. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Orientadora Gina María Monge Aguilar. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

### RESUMO

"Vulnerabilidade e Violência: mecanismos de expressão da Vocalidade" desenvolve um breve exercício crítico ao estabelecer relações associativas entre a condição humana de vulnerabilidade e o uso da violência criadora como princípio do desenvolvimento potencial expressivo da vocalidade. São abordados ao longo do artigo, o contexto atual do fazer artístico, pedagógico e de pesquisa na universidade, além de narrar do ponto de vista do "eu", algumas experiências vividas ao longo do Seminário Interno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – Mario Santana – 2019. Para a análise e síntese desse exercício crítico foram aproximadas, por afinidades teóricas, as filósofas Adriana Cavarero(2011) e Judith Butler(2017), com suas obras mais recentes onde debatem, no campo ético, os conceitos abordados.

**Palavras-chave:** Vocalidade. Vulnerabilidade. Violência.

### ABSTRACT

"Vulnerability and Violence: mechanisms of vocational expression " develops a brief critical exercise in establishing associative relations between the human condition of vulnerability and the use of creative violence as a principle of expressive potential development of the vocation. Throughout the article, the current context of artistic, pedagogical and research work in the university is discussed, as well as narrating from the point of view of the "I", some experiences of Seminário Interno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – Mario Santana – 2019. For the analysis and synthesis of this critical exercise, the philosophers Adriana Cavarero (2011) and Judith Butler (2017) were approached by their theoretical affinities, with their more recent works in which they discuss, in the ethical field, the concepts approached.

**Keywords:** Vocality. Vulnerability. Violence.

### **Vulnerabilidade e Violência: mecanismos de expressão da Vocalidade**

Filósofas da atualidade, das quais venho me aproximando ao longo do desenvolvimento da pesquisa *Princípios Potencializadores da Vocalidade: Máscara em Movimento*, falam sobre a VULNERABILIDADE. Há muito esse termo vem sendo utilizado para refletir sobre situações de susceptibilidade e ameaças, algo relacionadas à contextos de mortalidade e violência. Teóricas como Adriana Cavarero(2011) e Judith Butler(2017) integram-se a uma linha contemporânea do pensamento em que redimensiona a vulnerabilidade a uma categoria de intercorporeidade, e a partir disso gostaria de desenvolver um breve exercício de pensar agindo por meio do lançamento das nossas vocalidades ao mundo e com o Outro.

O impulso para o desenvolvimento desse texto foi semeado durante o Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana, realizado no mês de maio de 2019, dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp. É necessário contextualizar que sentimentos distintos pulsaram no meu corpo

de artista-professora-pesquisadora frente a uma ameaça à educação pública, colocada pelo atual governante do país.

Durante as Mesas<sup>1</sup>, os Compartilhamentos Temáticos, assim como em Oficinas, no Chá e na Avaliação, algumas sensações me atravessaram e acomodaram no meu corpo o estado de atenção, necessário para compreender o que se passava enquanto produzia saberes sobre a “Teoria e a Prática nas Artes Cênicas”. Senti em vários momentos fraqueza, soube de injúrias disseminadas sobre artistas e universidades públicas, me senti exposta aos ataques. Mas, me proponho agora à crítica, desejo compreender os motivos para isso ter se passado em mim.

Suponhamos que a *vulnerabilidade* está ligada ao *poder*, isso remete necessariamente à condição da minha formação enquanto artista, professora e pesquisadora (indivíduo) constituída por processos de sujeição. Desse modo, é possível compreender que a vulnerabilidade está entrelaçada àquilo que sou pelas estruturas vigentes de dominação e nas forças de tensão presentes em minha identidade. Nesta condição apresentada, seria justificável se eu acionasse, em resposta, um estado de violência? Ou poderíamos falar sobre interdependência e sobre responsabilidade frente a isto?

E se dessa forma ressignificássemos a vulnerabilidade, passando a compreendê-la, por escolha, como um “estar para o outro”, como uma potencializadora de diferentes condições criáveis. Em que outras possibilidades relacionais eu poderia existir?

Por me perceber exposta à violência, reconheço a condição de vulnerabilidade em que estou inserida, pois me percebo susceptível e dependente da ação de outros, que muitas vezes não conheço. As linhas constitutivas da sujeição significadas nesse contexto conflituoso onde a arte e o ensino caem para o último plano exercem poder sobre mim e ao mesmo tempo me constitui. Todo esse conflito de ideias me afeta profundamente, não há como me isentar. Ou seja, sou dependente desse Outro, mesmo que eu negue ou resista. Por meio de uma relação de empatia, proponho-me ao deslocamento perceptivo da minha vulnerabilidade para perceber a vulnerabilidade de Outros. Parece emergente que eu exponha minha condição ao Outro, e com isso reconheço e lido com a minha própria vulnerabilidade. As zonas relacionais do nosso encontro-seminário expuseram nossas vulnerabilidades vinculando-nos por um laço de interdependência, na busca de relações para além das de dominação.

Hanna Arendt faz uma diferenciação entre *poder* e *violência* pois ela acredita que o poder é, inevitavelmente, relacional enquanto a violência rompe a relacionalidade pois ela enrijece a vulnerabilidade a uma condição permanente - tornando-a vulnerabilidade excessiva - pois o seu fim é a morte, de algo ou alguém. A partir das obras finais de Foucault é possível compreender que o poder constitui nossa condição, mas também aponta modos de ação e as relações de poder não serão obrigatoriamente

---

1 Dou destaque para: 1) Mesa Epistemologias do sul, teatro e museologia social: caminhos para descolonizar os saberes; 2) OFICINA - Óscar e nós: provocações corporificadas como pesquisa; 3) Mesa Mingau Humano; 4) OFICINA - MÍMESIS CORPÓREA; 5) Mesa Processo Civilizador em Questão 6) Caminhada Corpo e Paisagem: Experiências performativas e; 7) Mesa Internacional Convidada, on-line: "RED-CITU - Rede Latino Americana de Criação e Investigação em Teatro Universitário"

formas de dominação. Nesta compreensão sobre o poder torna-se possível perceber a existência de interações que não são permanentes e imutáveis. Encontro brechas neste pensamento para tensionar o desejo de liberdade.

Adriana Cavarero, estudiosa assídua de Arendt, em uma discussão mais ou menos recente problematiza a *violência* dizendo que, “o humano é, precisamente, o exposto. O exposto ao outro: em cena de recíproca exposição que, precisamente pela relacionalidade, não pode excluir, mas pelo contrário prevê a violência (CAVARERO, A.; BUTLER, J.; 2007, p.3). A vulnerabilidade é uma condição humana. O que me resta fazer com a violência? É possível utilizá-la para fins criadores ao invés de destrutivos? Me vejo no exercício de dar conta dos medos, tentando enxergar o outro, reconhecendo-nos como diferentes sem que, sedenta de que algo se resolva, isso nos separe ou nos unifique integralmente.

O som da minha voz corta, quebra, ocupa o silêncio, e somente dessa forma posso perceber-me desesperadamente livre, ela se esvai por aí, no espaço e toca os corpos que o habitam. É o meu som corpóreo único em relação que assegura minha existência, justamente quando o ar passa pelo meu corpo e se movimenta, me movimenta. Na oficina “Óscar e nós” me surpreendi sentindo a duração... duração dos movimentos e do ar entrando e saindo do meu corpo. Percebi os seus apoios no meu espaço interno, seu volume e a produção expressiva gerada. Os parâmetros eram: o meu corpo e o da árvore do lado de fora, vista pela janela. Eu não podia escutá-la em seus movimentos produtores de oxigênio, mas a observava dançar com “olhos de memória”<sup>2</sup> enquanto eu movia meu próprio ser. Na sala de trabalho só ouvia sons produzidos por seres humanos e por recursos eletrônicos e mecânicos. Mas, observar os movimentos da árvore conduzia-me de modo imaginativo à um som aperiódico estabelecido entre nós (eu e a árvore), algo como um ruído que se movia no meu corpo. Tudo se tratou de uma ficção.

Pensei em construir uma bomba, algo bem violento. Se trataria de um mecanismo amplificador da voz que ao atingir determinada intensidade afetaria sistemas nervosos e até os sistemas circulatórios. Refletindo um pouco mais, os ressonadores do corpo já fazem isso, quando lanço os sons vocais é assim que eles se materializam e movem o outro (alguém, o espaço, matérias, etc). Fui, inclusive, atingida por uma bomba dessa na “Mesa Epistemologias do sul, teatro e museologia social: caminhos para descolonizar os saberes”, quando as meninas do “Grupo Primavera”<sup>3</sup> soaram suas vozes pela sala através de um cântico em coro. Elas não estariam me revelando uma possibilidade de ação violenta absolutamente criadora? Veja só, me chegou com toda força aquelas meninas jovens e movidas por sonhos enormes. O encontro me possibilitou olhar novamente para mim mesma. Quem sou? O que represento? Sou vulnerável!? E uma pergunta feita por uma das meninas, Adriele, me fez passar um filme na cabeça e em todo o corpo. “O que vocês sentiram?”

Quanto ao que falava anteriormente sobre vulnerabilidade, reconhecia em mim o que havia de vulnerável nelas. Preciso contar-me: sou artista, professora e pesquisadora; crio, ensino e estudo. Também produzo teorias em todos esses campos, são teorias que se associam à outras pensadoras e pensadores. Existem pessoas em diversas áreas de atuação que se ocupam de frentes de pensamento que caminham para buscas comuns. Eu faço parte de uma linha de pensamentos e ações.

2 Instrução utilizada por Scotti na Oficina de Mimeses Corpórea.

3 Veja o relato e vídeo da mesa: [https://dramaturgiasdefronteira.wordpress.com/2019/05/12/seminario-de-pesquisas-mario-santana/?fbclid=IwAR2OUUmbwPuMTADzQ-eK9v4JX\\_\\_Vs8n9xQ3mzKiDZ4EXKg9yo8ANETUmZc4](https://dramaturgiasdefronteira.wordpress.com/2019/05/12/seminario-de-pesquisas-mario-santana/?fbclid=IwAR2OUUmbwPuMTADzQ-eK9v4JX__Vs8n9xQ3mzKiDZ4EXKg9yo8ANETUmZc4)

“Quando um pesquisador diz “eu”, quem está dizendo “eu”? (...) “A cena como espaço de expressão do outro, dos outros, de um coletivo, de uma sociedade. A cena como expressão de um grupo ou o teatro como expressão de um indivíduo, de muitos indivíduos. (CORNAGO, 2010, p.231)

Quando me conto, contou-me à alguém. As palavras que escolho, as memórias resgatadas, o ritmo e a quantidade de ar que coloco em minha narrativa, são contextualizadas pela minha relação com esse outro, para quem me conto. Quando me conto, produzo um eu que está para o outro, e corresponde à uma ação minha sobre o outro. Esse “eu” não é autossuficiente, pois ele só existe no contexto em que me conto a alguém. Quando me narro, vou construindo uma história que

(...) partindo de algum lugar, delimitando um momento, tentando construir uma sequência, oferecendo, talvez, ligações causais ou pelo menos uma estrutura narrativa. Eu narro e me comprometo enquanto narro, relato a mim mesma, ofereço um relato de mim mesma a outra pessoa na forma de uma história que poderia muito bem resumir como e por que sou. (BUTLER, 2017, p.88)

Meu fazer não está desassociado da pessoa que sou. Quando estou em cena, em sala de aula, desenvolvendo a pesquisa, tudo o que ofereço trata-se do meu olhar, encharcado de outras teóricas que me identifico ou de linhas do pensamento, se fazendo presente, existindo. As elaborações teóricas que venho produzindo, reconheço, são a minha prática, um exercício de existência. Tudo àquilo que me dedico a refletir e elaborar na forma de linguagem escrita almeja o encontro com o outro, se faz para alguém, um leitor, um artista, um educador ou pesquisador. Em minhas palavras, escapa pela musicalidade, pela cadência e pelas repetições a minha vulnerabilidade, são ações desejanças do outro, da sua vulnerabilidade.

O ouvido é o órgão dos nossos sentidos o mais exposto, está sempre aberto. O ouvido é vulnerável! “Os olhos podem focalizar e apontar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções.” (SCHAFER, 2011, p.55) Ele está disponível por sua vulnerabilidade à muitas possibilidades. Na expressão de nossas vocalidades estão inscritas nossas memórias e cantando, falando, vibrando e contando somos imprevidentemente vivos, as combinações são potencialmente infinitas. Se torna perceptível a impressão vocal que é singular em cada indivíduo.

Com o golpe vibrante da minha voz sou a mais fiel possível do contar-me. O som vocal rola pelos meus lábios e ocupa o fora de mim preenchendo o outro, contaminando-o do eu. Com isso conto tudo sem a obrigatoriedade da palavra, eu existo em você, me arrisco à *intercorporalidade*.

### **Referências Bibliográficas:**

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*; trad. Rogério Bettoni. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.  
CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CAVARERO, Adriana, BUTLER, Judith. *Condição humana contra “natureza”*. Trad. Selvino Assmann. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 647-662 , setembro-dezembro/2007.

CORNAGO, ÓSCAR. *Onde acaba a teoria? - Ensaios em cena*; Org. Cássia Navas, Marta Isacson, Sílvia Fernandes. - 1.ed. - Salvador, BA: ABRACE, 2010.

PETHERBRIDGE, Danielle. *O que há de crítico na Vulnerabilidade?* Repensando Interdependência, reconhecimento e poder; trad. Mariana Teixeira. Dissonância: Teoria Crítica e Feminismo. Campinas, vol.1, no 2, Dezembro/2017;

SCHAFER, R Murray. *Ouvindo pensante*; trad. Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lucia Pascoal – 2.ed. - São Paulo: Ed. Unesp, 2011.